

ZiARA

O Menino  
da Terra





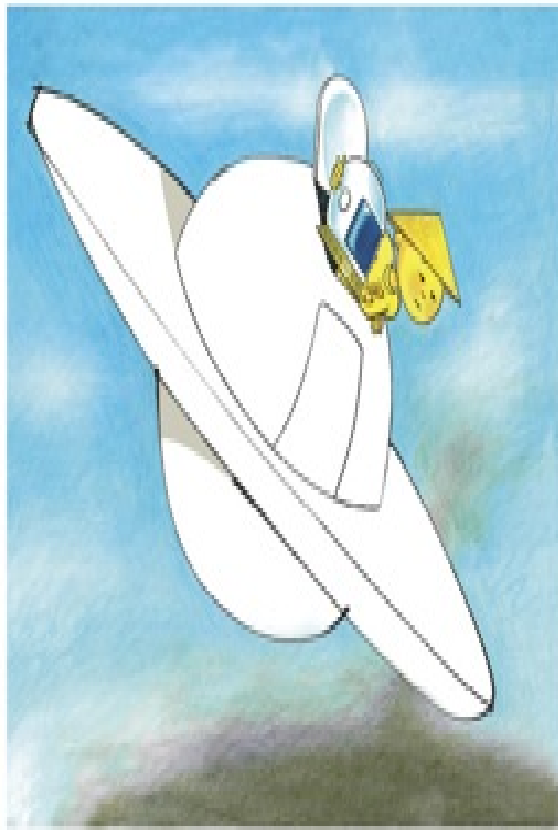
Zinco



# O MENINO DA TERRA

**EMI**  
MELHORAMENTOS

*Para Paulo Vieira  
e Cláudia*

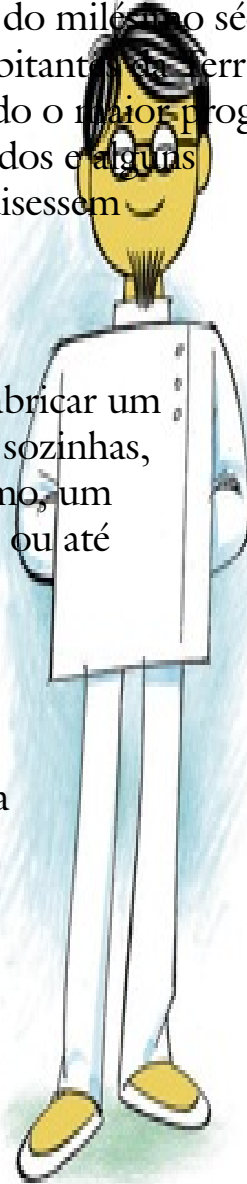




Chegou um tempo no futuro ainda distante – além do milésimo século – em que os habitantes da Terra tinham alcançado o maior progresso possível. As pessoas, com seus dedos e alguns botões, podiam fabricar o que quisessem

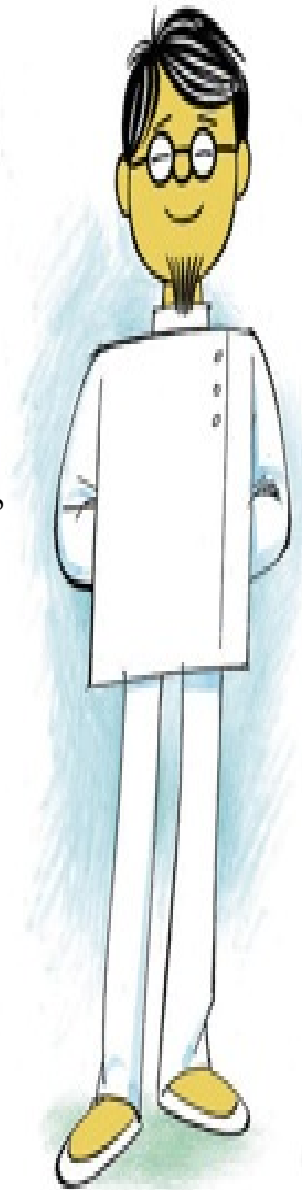
em casa. Podiam, por exemplo, fabricar um livro como este, podiam fabricar, sozinhas, um tênis voador incrementadíssimo, um par de zaptpatins, uma zibizicleta ou até mesmo um zizminiaeromóvel.

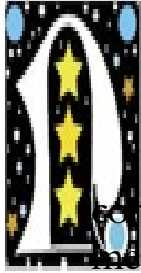
Com um pouquinho de talento, podiam até fabricar, em casa, uma pequena nave espacial para sair por aí, dando voltinhas pelo Espaço, saltando sobre satélites,



desviando de asteroides ou tomando, bem de perto, um banhozinho de sol... Se bem que, para fazer uma nave assim, já seria mais trabalhoso... Seria preciso a

ajuda de um pai que fosse um engenheiro espacial, cheio de habilidades e muito carinhoso, capaz de inventar, também, um tempo maior para curtir seu filho. Pois o pai de Nan, o menino da Terra, era desse jeito. Tem muitos pais assim!

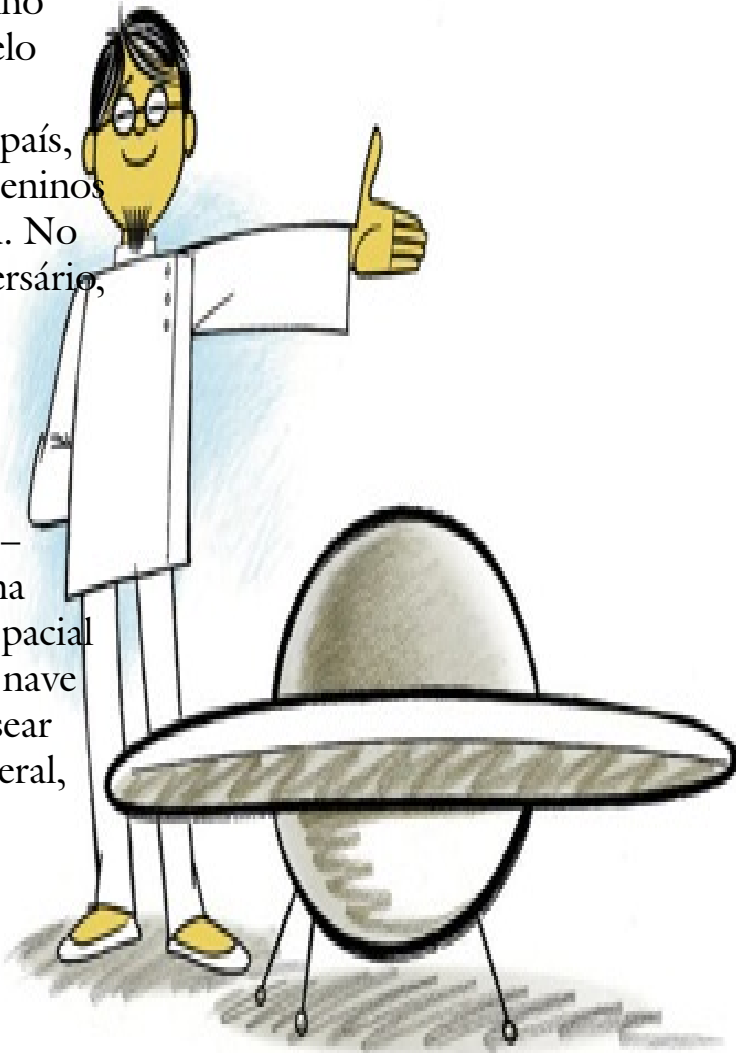




an era um  
menino de  
rostinho  
amarelo

como todos os  
meninos de seu país,  
a maioria dos meninos  
do planeta Terra. No  
seu último aniversário,

seu presente foi –  
imaginem! – uma  
pequena nave espacial  
completa! Uma nave  
pronta para passear  
pelo Espaço Sideral,

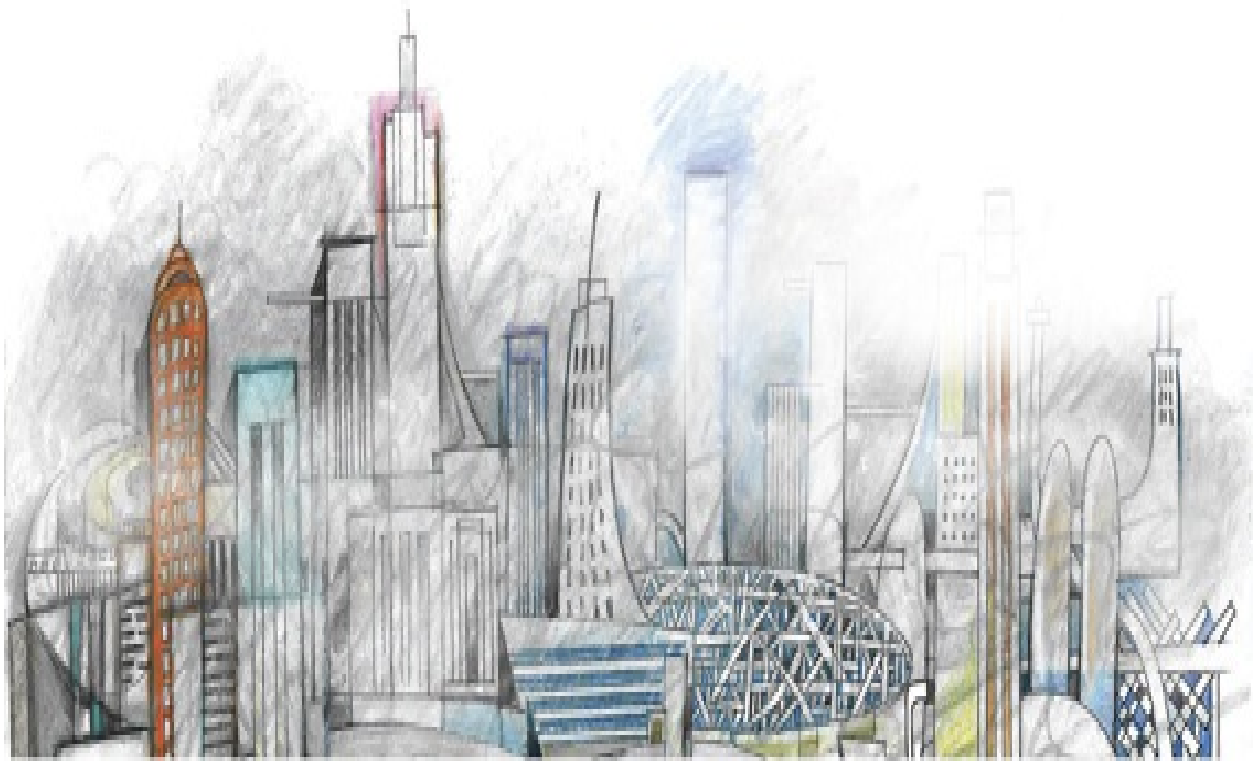


feita, é claro, com a ajuda do querido pai, com quem Nan vivia numa casa cheia de invenções. Seu pai havia ficado viúvo (com todo o progresso, as pessoas ainda morriam; isto,

mesmo o longínquo futuro ainda não tinha conseguido resolver) e tratava o menino com muito carinho, atenção e cuidado.







lém de ser um pai legal, o pai de Nan era também um sábio, uma personalidade importante em seu país. Vivia preocupado com o progresso

desenfreado da Terra. Os seres humanos haviam criado tudo para seu conforto e para sua sobrevivência, mas tinham que fabricar máscaras para respirar o ar da Terra.





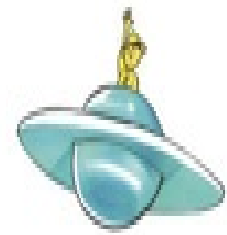
Um dia, o pai de Nan chegou em casa com um jeito muito, muito preocupado. Chamou o filho, olhou-o com seus pequeninos olhos bem apertados e disse:

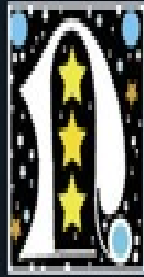
“Olha, meu filho, hoje você vai poder sair voando pelo Espaço até onde sua nave alcançar. Afinal, você sempre quis fazer isso, não é mesmo?”



Ele sabia o que estava dizendo ao seu bravo filho. “Sua nave” – continuou o pai – “está equipada para você passar um tempo muito longo no Espaço Sideral. Volte assim que você tiver se divertido bastante.”

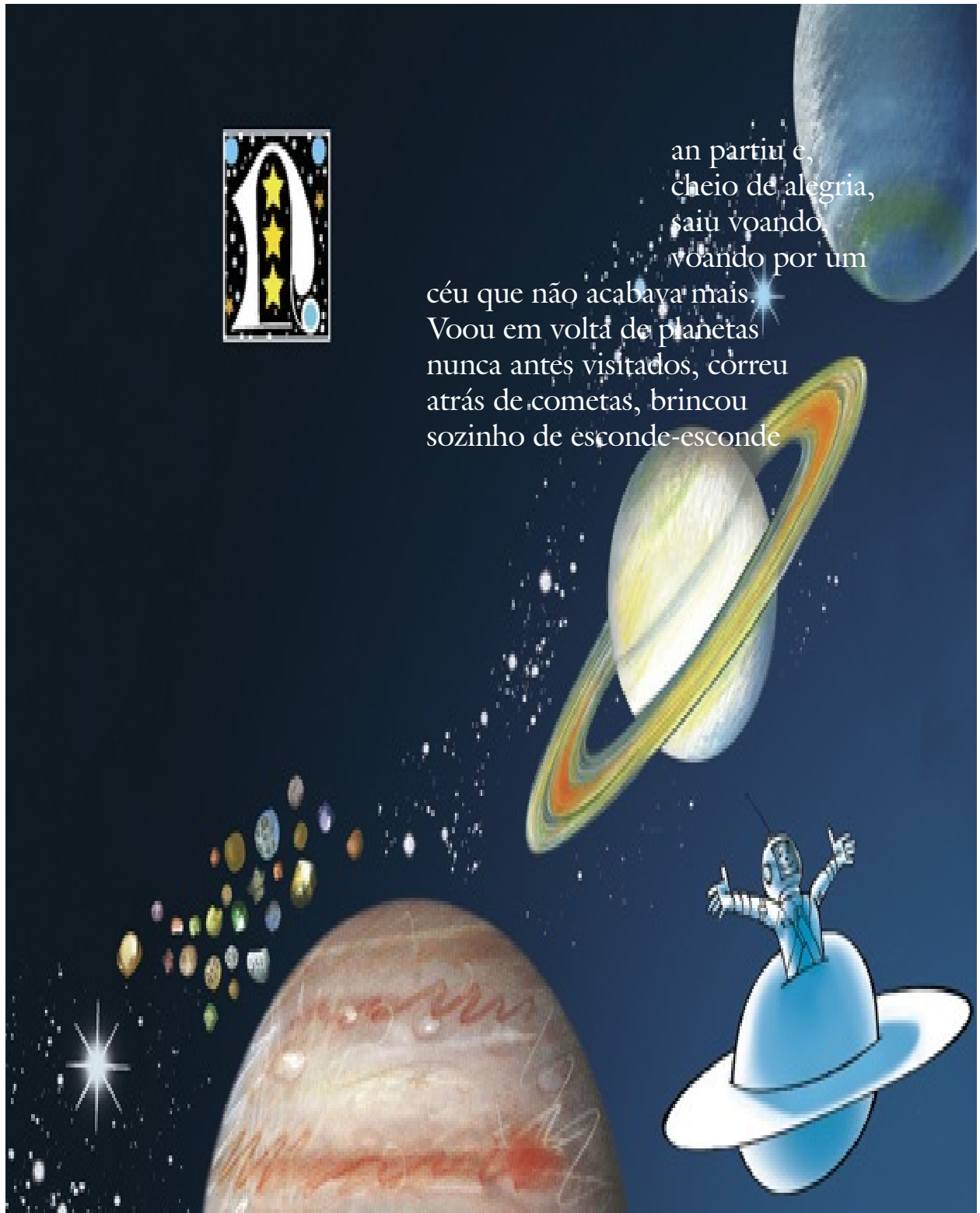
Em seguida, deu-lhe um beijo e um abraço apertado. Nan entrou na nave e partiu.






an partiu e,  
cheio de alegria,  
saiu voando,  
voando por um

céu que não acabava mais.  
Voou em volta de planetas  
nunca antes visitados, correu  
atrás de cometas, brincou  
sozinho de esconde-esconde



A vibrant illustration of outer space. The background is a deep blue with scattered white stars. In the upper left, a large Earth-like planet with blue oceans and white clouds is shown. To its right are several smaller, pale blue and brown planets. In the center, a large ringed planet with a yellowish-white body and a multi-colored ring system is prominent. To the left of the ringed planet is a large, reddish-orange planet. In the lower left, a comet with a long, multi-colored tail is depicted. At the bottom center, a large, brownish planet with faint red and white markings is visible. In the bottom right corner, a cartoon astronaut in a blue suit is floating, holding a small blue planet with a white ring. The overall scene is a colorful and imaginative representation of the solar system and beyond.

entre os asteroides, conferiu  
o brilho das estrelas e só  
voltou quando achou que  
tinha ficado muito tempo  
longe de casa (ele não  
podia imaginar muito bem  
a diferença entre os dias da  
Terra e os dias espaciais).

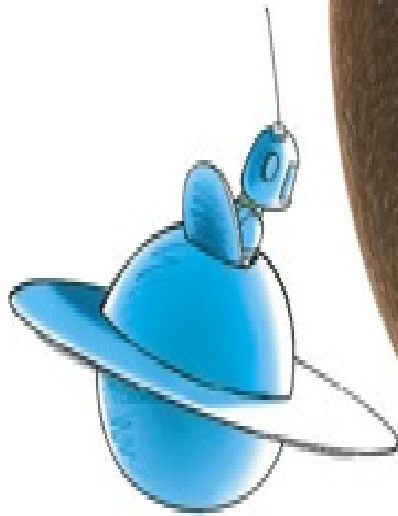


Quando se aproximou da Terra  
– que, no Espaço, descobrira  
que era azul – Nan levou o  
maior susto de sua vida: a

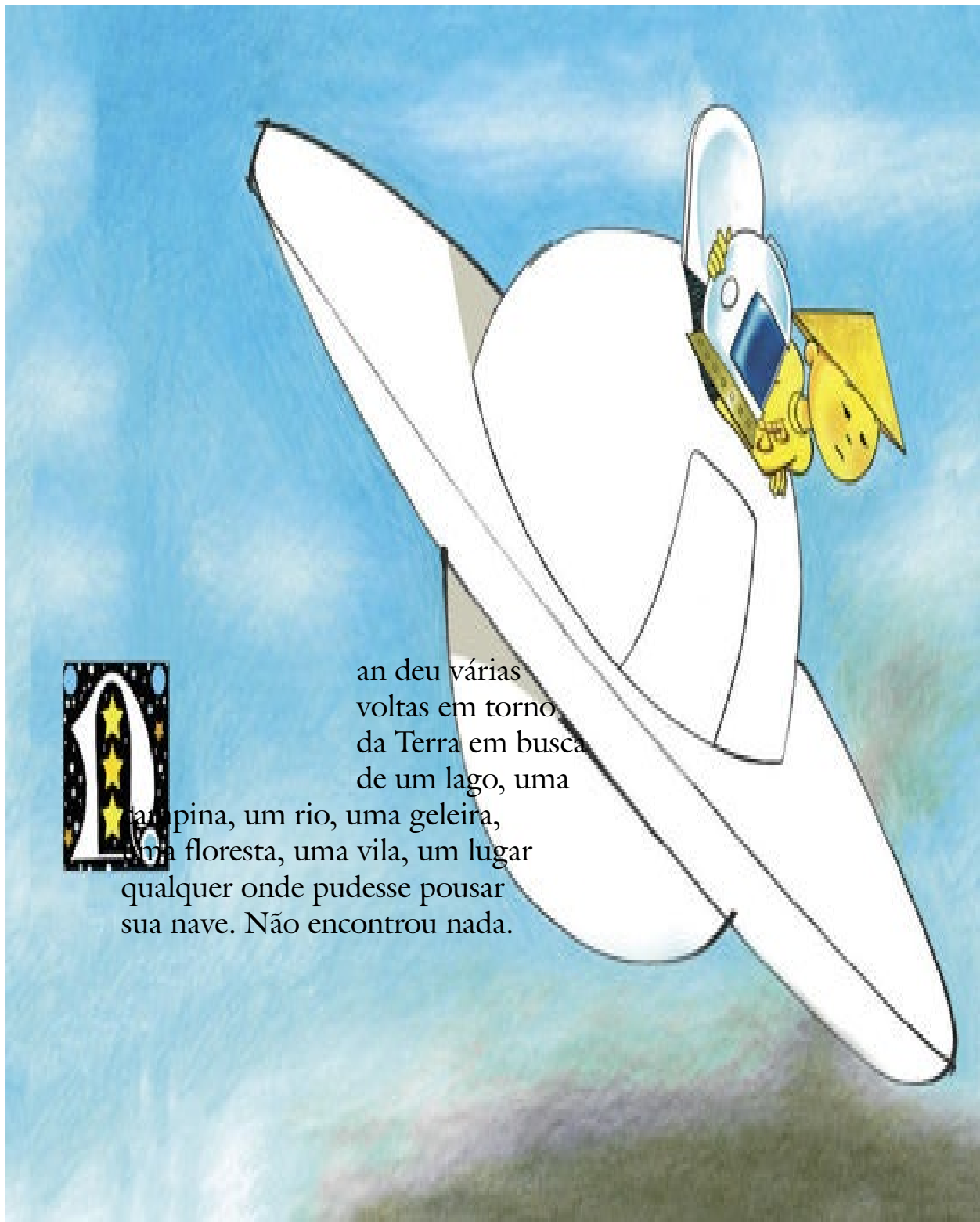
Terra havia se transformado  
em uma enorme bola marrom,  
toda crestada, sem água, sem ar,  
completamente arrasada.




Não deu para Nan sequer localizar de que lugar da Terra ele havia partido. Não deu para saber onde havia deixado seu pai querido, que lutara a vida inteira para avisar os habitantes de seu país e de toda a Terra que eles estavam destruindo o planeta onde viviam. Então, Nan chorou como nunca havia chorado antes.







an deu várias  
voltas em torno  
da Terra em busca  
de um lago, uma  
campina, um rio, uma geleira,  
uma floresta, uma vila, um lugar  
qualquer onde pudesse pousar  
sua nave. Não encontrou nada.



“Será que não sobrou ninguém?  
Será que pai nenhum, neste mundo,  
teve o cuidado de fazer uma nave igual  
para seu filho?” Depois de perder a conta  
de quantas vezes girou em volta da Terra –  
em todos os sentidos – sem encontrar qualquer  
sinal de vida, Nan ligou o piloto automático e foi  
dormir. Ele estava muito, muito cansado.



Quando Nan acordou, lembrou-se de ligar o painel

da nave, que devia estar repleto de mensagens e instruções do seu pai.

Apertou um botão e logo ele apareceu, no visor do painel, com sua velha cara boa e falava assim: “Alô, Nan, aqui é pai falando a seu filho número um sobre como agir diante do Novo; o filho que agora está só, porque pai não pôde acompanhá-lo, o que tanto lamenta.



Eis que pai tinha que ficar na Terra para continuar a missão de alertar toda a gente sobre os iminentes perigos que ameaçavam a sobrevivência da humanidade. Sua nave,

filho querido, está preparada para um voo infinito. Que nesta aventura você encontre um sentido para ser um menino feliz”.





an ficou muito comovido e apertou mais um botão do painel. Seu pai continuou: “Há de tudo o que você vai precisar nos multiplicáveis compartimentos de bordo.

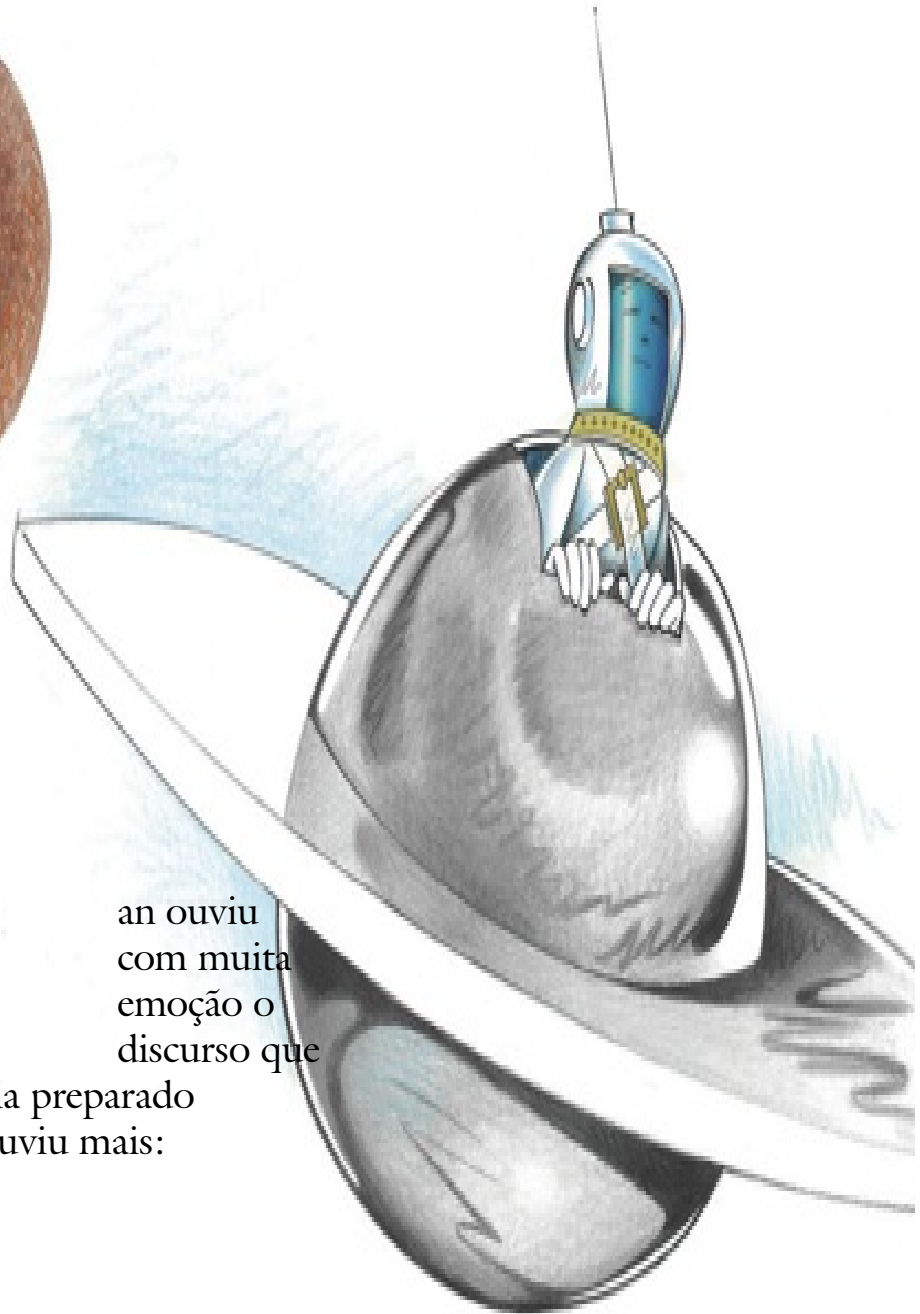
Há pílulas que o alimentarão por um tempo muito, muito, muito grande e há hidrogênio e oxigênio – a duas moléculas por uma – no conversor sideral de água.

O nosso Sol, nosso bom e velho Sol e outros sóis, e outros e outros, darão força e energia à sua nave.



Todas as músicas de que você gostava estão no seu auditrônico prontas para você ouvir. Há também quantos filmes você queira rever ou conhecer e todos os livros que você queira editar, ler e reler. O significado de tudo o que esteve ao alcance de seu pai estará ao alcance de sua curiosidade”.





an ouviu  
com muita  
emoção o  
discurso que

eu pai havia preparado  
para ele e ouviu mais:



“Vai, pelo vazio imenso do U até encontrar um planeta verde plantar as sementes que deixei na nave. Há, ali, sementes de soja

milho e de todos os grãos que precisou para sobreviver; há r as frutas de todos os sabores e todos os legumes e hortaliças

Vai, meu bom filho, você há c quanto foi o nosso, tão verde, a nossa velha Terra. Há de ha um planeta assim para acolhe





Nan botou sua  
música mais  
linda para ouvir,  
enxugou sua  
última lágrima e  
ligou os motores  
de sua nave  
para se afastar o  
mais rápido que  
pudesse da Terra  
destruída.





cheio de coragem, Nan se convenceu de que, com uma missão assim, tão grande como o espaço inteiro, sua vida – de menino só – teria todo o sentido do mundo, como sonhou seu

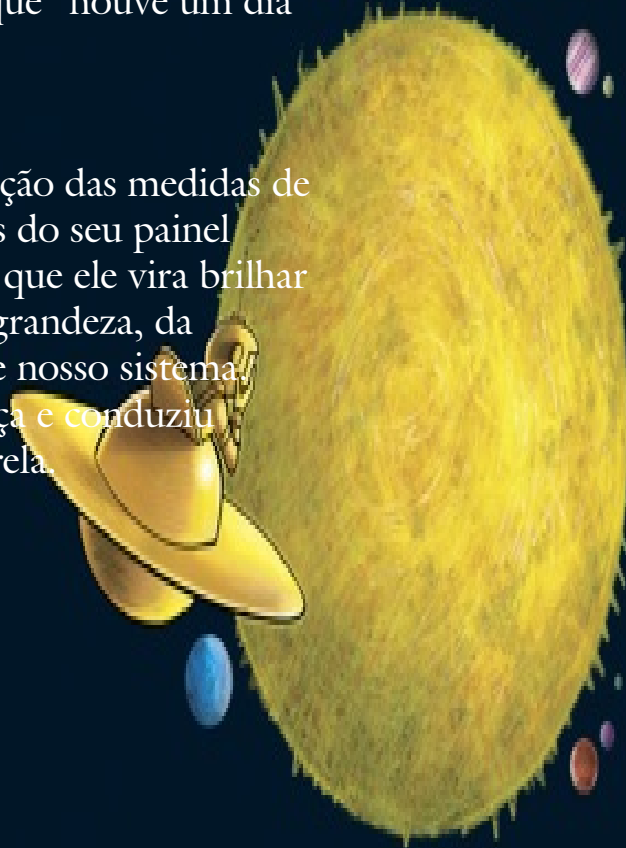
E ele voou, então, para além, muito além da Via Láctea; ultrapassou as nuvens de Magalhães, ultrapassou Andrômeda e tantas outras galáxias que nem deu para contar. Viu outros sóis, contornou planetas de outros sistemas, enfrentou todas as tempestades espaciais, fugiu de buracos negros, viu nascer e morrer estrelas e não cessou de buscar.



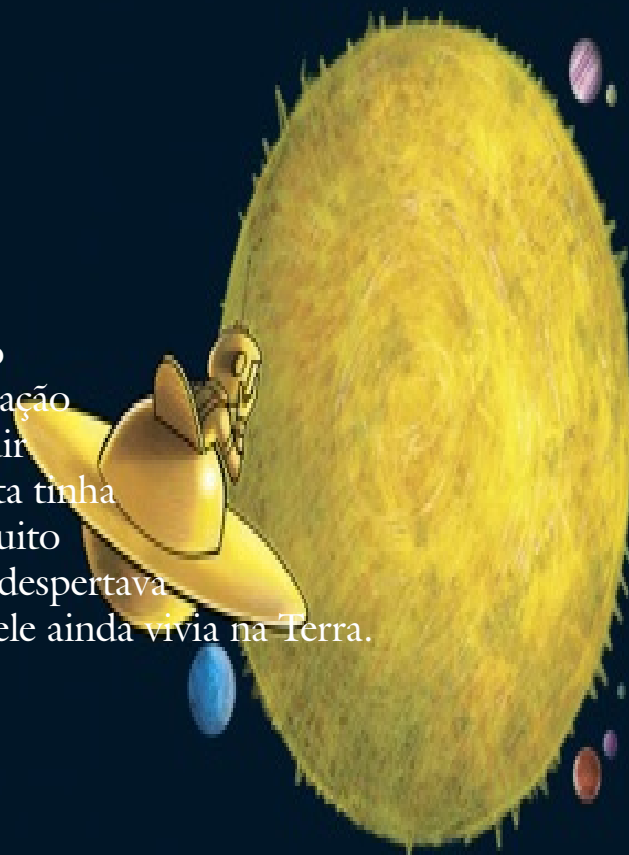
epois de um longo tempo – impossível de ser medido – houve um momento em que ele descobriu, numa nova galáxia, uma estrela que brilhava com um brilho que sua

memória não havia apagado da mente. (Ele não pôde dizer em seu diário que “houve um dia”

porque havia perdido a noção das medidas de tempo.) O detector de sóis do seu painel anunciou-lhe que a estrela que ele vira brilhar era uma estrela de quinta grandeza, da mesma grandeza do Sol de nosso sistema. Nan encheu-se de esperança e conduziu sua nave na direção da estrela.



Emocionado,  
percebeu que havia  
inúmeros planetas girando  
em torno dela. Com o coração  
aos pulos, começou a medir  
a distância que cada planeta tinha  
daquela estrela, que era muito  
parecida com o Sol que o despertava  
todas as manhãs, quando ele ainda vivia na Terra.

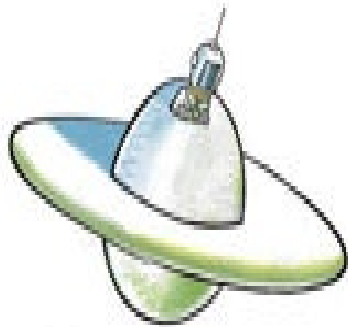




houve o instante em que seu peito quase explodiu de alegria ao perceber que, visto do Espaço, o terceiro planeta a girar em volta daquele Sol era azul. Nan saiu voando em sua direção.

À medida que a nave se aproximava do planeta azul, ele ia tomando um tom esverdeado e ia ficando verde, verde, cada vez mais verde.





irando  
Nan n  
campi  
o plan





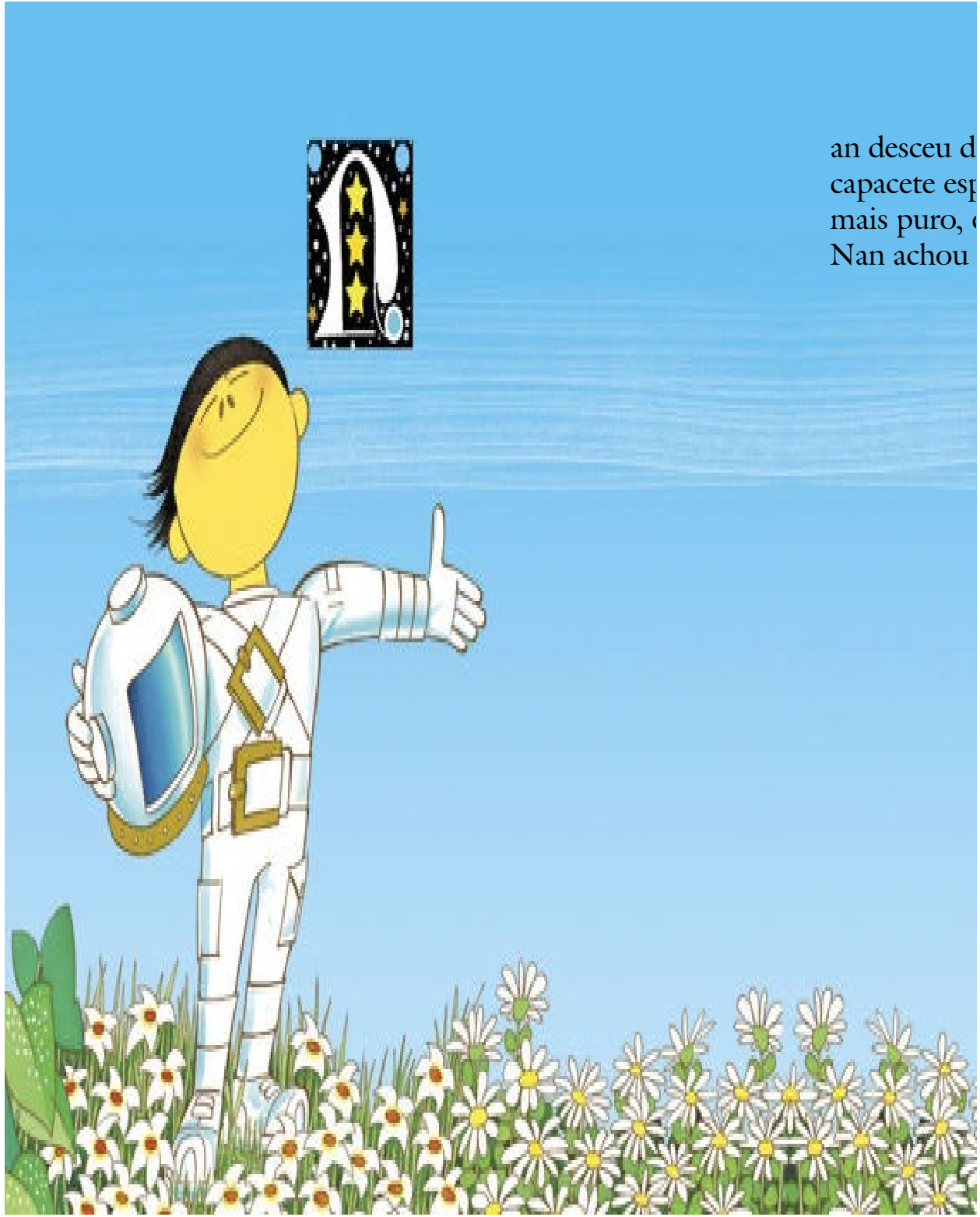
Com emoção sem medida, Nan fez sua nave pousar docemente, sobre a superfície do planeta. E havia ali rosas e cravos, violetas e verbenas, malmequeres, margaridas, monsenhores, magnólias e miosótis;



crisântemos, buganvílias, gérberras e gladiólos; dalias, camélias, gerânios, zínias, lírios, hortênsias, petúncias e begônias; boninas, jacintos e jasmíns; hibiscos, azaleias, almandas, íris e helicônias; copos-de-leite, bocas-de-leão, brincos de princesa...







an desceu d  
capacete esp  
mais puro, c  
Nan achou



an nem percebeu quando se jogou sobre as flores. E beijava cada uma e comia suas pétalas e cheirava seus perfumes e vibrava de alegria.

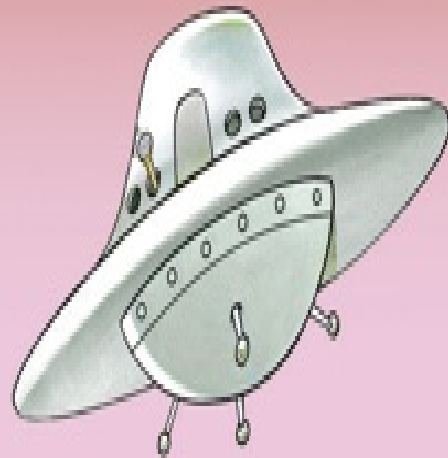




Logo em seguida, Nan começou a procurar espaço entre as flores para semear suas sementes ou plantar suas mudas. Tirou, primeiro, o saquinho com as sementes de arroz, pois estava morto de saudade de comer arroz com seus palmitinhos.

Nesse exato momento, começou a cair uma chuva fina sobre sua cabeça. Nan olhou para cima e levou mais um susto enorme.

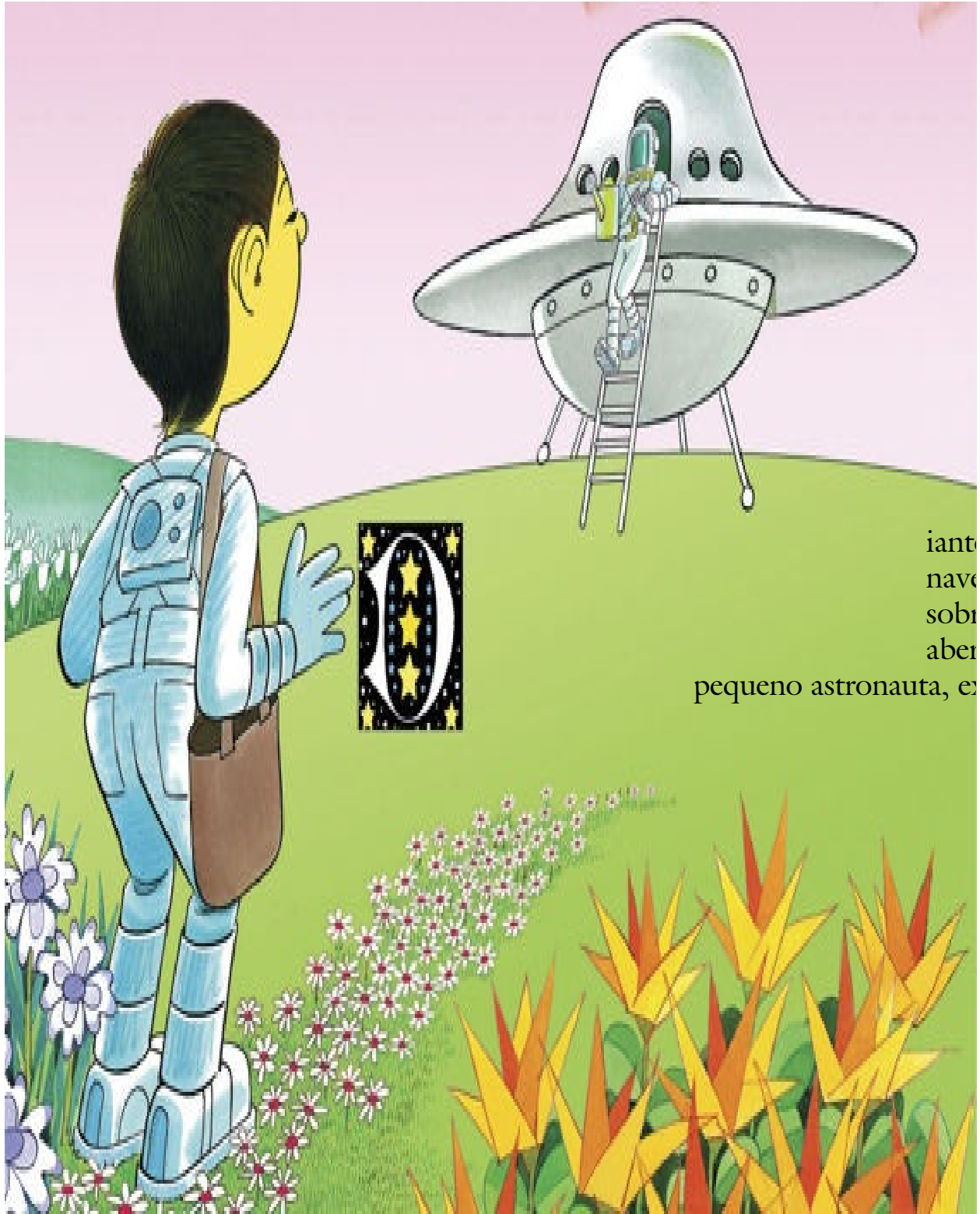




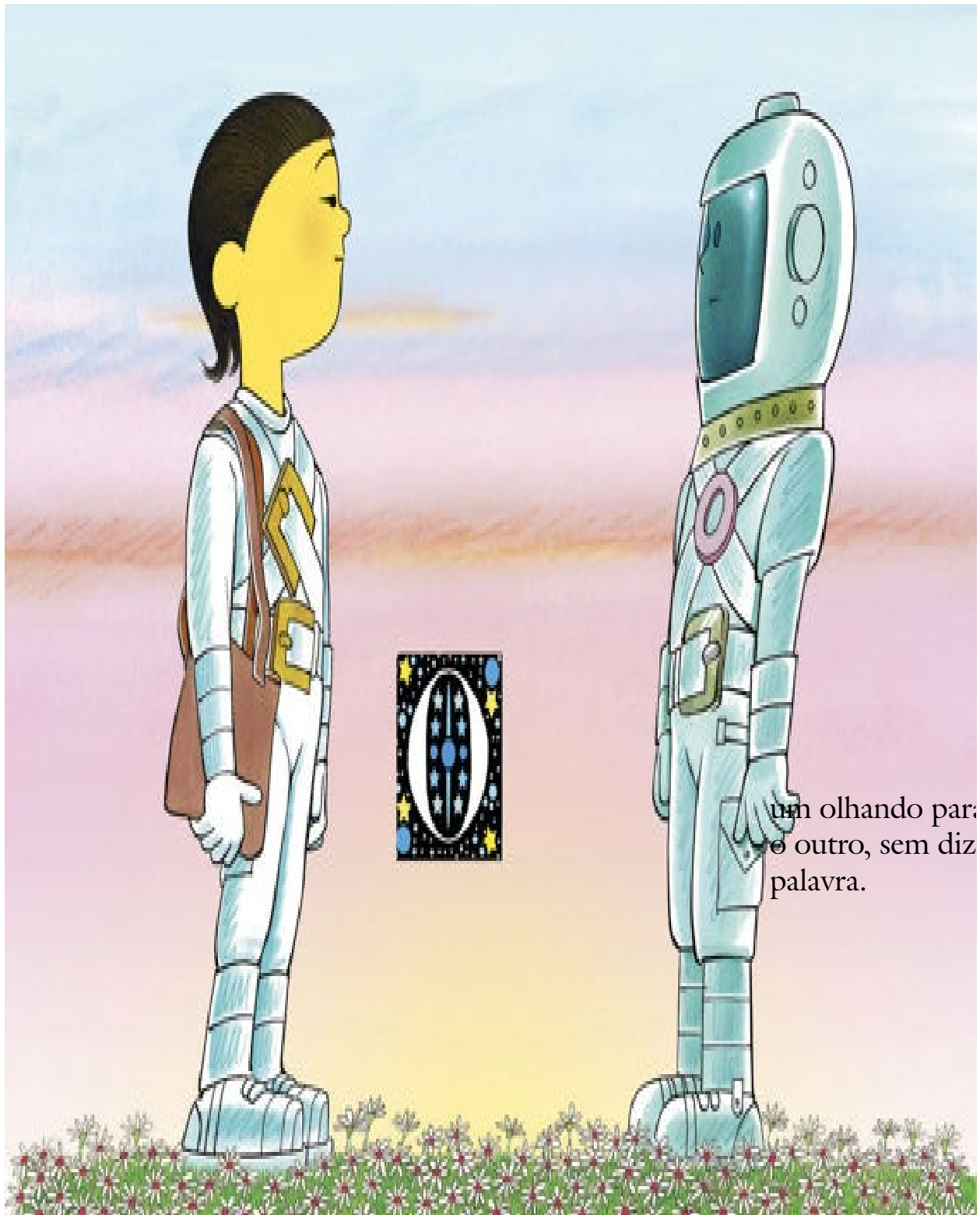
ão era, exatamente, uma chuva que caía. O que Nan viu, ao olhar para cima, foi uma pequena nave muito parecida com a sua, flutuando sobre ele. De dentro da nave alguém regava as flores daquele imenso jardim,

do mesmo jeito que os jardineiros da Terra sempre fizeram nos finais de tarde. No fundo da paisagem, a luz de um sol ia assumindo seus tons de vermelho.





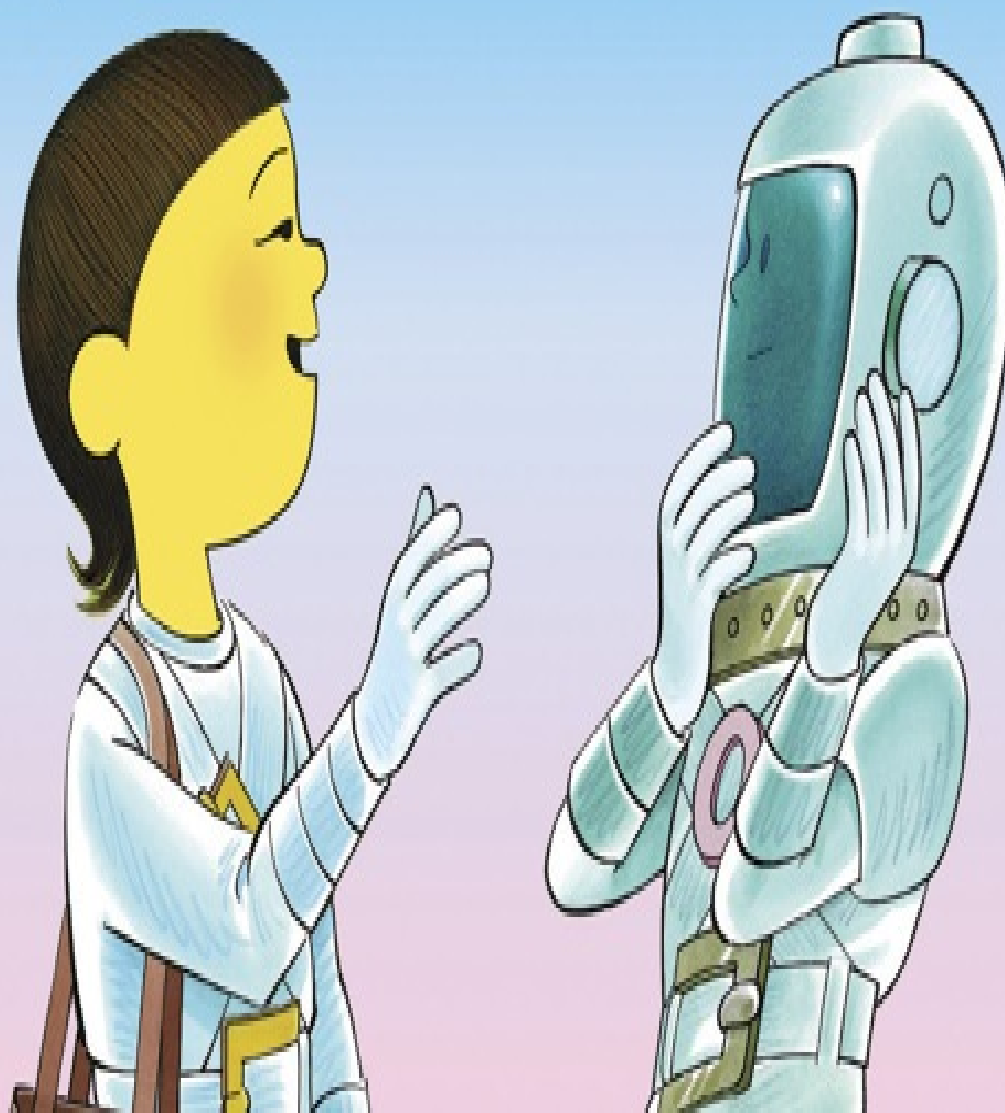
iant  
nave  
sobr  
aber  
pequeno astronauta, ex



um olhando para  
o outro, sem dizer  
palavra.



an foi o primeiro a se mover. Sorrindo, fez sinal para que o novo companheiro tirasse, também, seu capacete espacial. Ele tirou.







era uma menina.



## CONVERSA DE FUI

*Alguns amigos que leram os originais deste livro perguntaram por que o meu menino da Terra é amarelo. Eu explico: se um marciano, por exemplo fosse fazer essa coleção que estou fazendo, mostraria um menino de cada planeta, como seria, para o menino da Terra? Que critério ele usaria para escolher o personagem? Ele iria dizer: “Vou pela mãe*

*E perguntaria: “A maioria dos meninos da Terra é de que raça? Branca, negra, amarela?”. Pois eu fiz a escolha do marciano.*

*Faz sentido, também, porque o Nan (Nan que é o menino em chinês) é muito simpático – bom para ser um personagem infantil – e a China está crescendo depressa demais e poluindo demais seus rios. O ar que os chineses respiram. Esta história toda é, pois, uma metáfora.*

*Chiiii, agora vou ter que explicar o que é metáfora.  
Vocês consultem suas enciclopédias, seus dicionários,  
sua internet, que é isso que eu quero.  
Santa Mãe! Olha só a complicação que arrumaram  
aqui em raça, e tem gente que acha que não há  
raças humanas, existe apenas a humanidade.  
As divisões dessa humanidade são as*

*Bom assunto para uma discussão, né não? Como  
o Michaelis – para ele, existem raças humanas  
Abram, também, os canais de informação da internet.  
Eu concordo com o verbete do Michaelis: existi-*

*E existem etnias, também. Brancos, negros e amarelos  
para mim, são três raças humanas. Agora, não é  
por exemplo, raça judaica. Os judeus são uma etnia  
se dá pro pessoal de casa aí entender a diferença. <sup>1</sup>  
Este livro não é didático, mas eu adoro colocar a  
discussão para a criançada, para seus pais e profs.  
Irem atrás de mais informações. Divirtam-se*

*Ziada*

**Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

© 2010 Ziraldo Alves Pinto

Direitos de publicação:

© 2010 Editora Melhoramentos Ltda.

Texto e Ilustrações: Ziraldo

Tratamento de Imagens: Victor Moura

Digitação: Yvonne Prieto

Editoração: Fábio Ferreira

Pesquisa: Regina Martins

Adaptação de layout para ebook: Amarelinha Design Gráfico

Ziraldo Alves Pinto  
nos anos 1950 em  
Autor de livros em  
diversos idiomas,  
*O Menino Maluquinho*  
um ícone da litera

1.ª edição digital, julho de 2013

ISBN: 978-85-06-07269-1 (Digital)

ISBN: 978-85-06-06259-3 (Impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)

[sac@melhoramentos.com.br](mailto:sac@melhoramentos.com.br)

